

Mar de Espuma

Te odeio, me odeio,
Odeio o ódio
Que lateja serenamente
E flameja pensamentos vãos,
Filhos de horas amargas
Pai de insanas atitudes.
Odeio o ódio que consome
Que rasga as costas
Presenteando com asas
Que não sustentam
O voo lírico da alma.
Te odeio, me odeio,
Odiar você.

Medíocre cria do onírico,
Bacante trôpega de vinho,
Bicho selvagem em cativoiro.
Não vou escutar as lamentações
De dias de lua
E me negarei a aceitar
As lágrimas que dizes tuas
Acredite: não tens poesia!
És uma cruel artista das palavras
E não mais.
Não sabes o que se passa lá fora
Nem aí dentro,
De cada buraco
Dos poros, do pensamento.
Minto. Mentos.
Por quê?
Falta-te escrúpulo, caráter.
Falta-te amor.

Odeio odiar seus olhos
As mãos que escrevem,
Sua boca que murmura
Palavras desconexas, incrédulas,
Copiadas de um filme russo
Sem legenda.
Mítica essência sem par
Que magoa, fere, deixa sangrar
A vil matéria
Que tentas transformar em arte.
Deixo-te sozinha, triste,
Deixe-me inteira,
E nem assim
Falaremos o mesmo idioma.
A raiva é a espuma

Deste mar de ódio
Que odeio odiar.
Luto, afogo-me,
Corpo nas rochas...
Fito esse dia
E o que nos pertence?
Espírito em fuga
É o que nos pertence.

O ardor ainda profana
A filiação perdida outrora.
Não teremos mais família
Lugar, volta.
A rota foi traçada
E o itinerário para lugar nenhum
Marca a pele
Como a tatuagem
Que nunca fizemos.
Não és única,
E o ódio que odeio
Escreve a minha história
Que você nunca quis assinar,
Assumir a coautoria
Da biografia hedionda
Não acabada de acabar.

Deixo-me cair
Longe das quinas
Para sobreviver.
Estendida no chão
Giro ao contrário das horas
Mas não voltarei atrás.
O cansaço sucumbe o ser
A matéria está morta.
Olho para lado nenhum
Do negro dos seus olhos.
Não me importo,
Porque ainda posso ouvir
A água cair.
“Não é a chuva!” – Dizes-me tu.
Eu sei, penso comigo.
Mas já é tarde,
Para que chores.

O Vento

O amor não é geográfico

Ele vive no vento, lento

que viaja

Haja

Amor no teu silêncio

Amor nas minhas palavras

Claras

Amor no teu canto

Amor na minha espera

Era

Do tempo transcendente

Mente

Aberta para o que há-de vir

Rir

De olhos bem fechados

Do lado, de lá do oceano

Humano

Na verdade do pensamento

Vento

Que te trouxe até aqui.

Idiosincrasia

Voz que é voz
Da nudez incógnita
Molhada de lucidez
Escrita no diâmetro
Do nosso corpo
Da sua mente
Na boca quente
Que sussurra a voz
Sem som, dessa gente
Que ao menos sente
O que vi em ti.

Trilho de folhas...
Sigo no espaço oculto
Das linhas das mãos
Que tocam o rosto triste
Que devagar insiste,
Por ouvir.
Crua a sua
a minha maneira
de deixar nua
a alma dura
que quer dormir.

Ofício

Na errónea órbita da vida
Solitário é o caminho do trovador
Delicada busca escondida
Que de erudito só tem o amor

Constrói páginas marcadas
Das pequenas letras sublinhadas
Rasgando a métrica ao segundo
Não alheio aos prantos do mundo

Serão luzes de memórias derradeiras
No intento perdido de momento
Só o tempo inevitável vencerá

Sentimento nunca diminuído
Porque o poeta fora do ninho
nasceu passarinho disposto a voar.